

ENTREVISTA

Evaldo Cabral de Mello

(64 anos, historiador, autor de "O Negócio do Brasil")



O que o senhor acha da encrenca em que o governo se meteu com os índios, logo agora, na véspera dos 500 anos da chegada de Cabral?

Isso não tem muita importância. Os índios estão fazendo o que faz qualquer grupo com alguma capacidade de organização. Estão defendendo seus interesses. O MST, a Fiesp e os fazendeiros que devem aos bancos fazem a mesma coisa. Se há algo de simbólico nesse problema dos índios, é positivo. Mostra que eles se organizaram e estão usufruindo o seu direito de reivindicar.

Durante as comemorações dos aniversários da Independência deu-se uma razoável produção intelectual. Agora não houve nada disso. A que o senhor atribui essa banalização?

Toda vez que se organiza uma comemoração do passado, o que se está comemorando é uma visão do presente. Desde o começo, essa festa teve uma raiz popular, superficial, destinada a carnavalizar o Brasil. O populismo que o governo não pratica, com toda razão, na área econômica, consegue praticar pela escapatória cultural. Não foi coisa só do governo. As universidades, por exemplo, mostraram que são grandes organizações burocráticas. Em 1922, no centenário da Independência, a República Velha comemorou a existência deste país. Em 1972, no sesquicentenário, comemorou-se o abraço da ditadura brasileira com a ditadura salazarista de Portugal. Agora, os portugueses estão comemorando a própria prosperidade. Desde o século 16, Portugal nunca esteve tão bem. Eles festejam os descobrimentos com iniciativas de alto nível. Vão publicar dois códices do início do século 17, que estão no arquivo histórico do Itamaraty, inéditos. É uma pena que o Brasil, com sua cultura precária, só consiga se expressar por meio de efemérides. São os 500 anos do Descobrimento, o centenário de fulano ou o cinquentenário de beltrano.

Que tipo de reflexão o senhor acha que os 500 anos do Descobrimento poderiam ter estimulado?

Nós precisamos superar um modelo de identidade nacional surgido nos anos 20. Vínhamos de um complexo de inferioridade por não sermos europeus e passamos a cultivar um complexo de superioridade da mestiçagem. Com isso, vieram a exaltação do caboclo, uma certa admiração pela ignorância, o culto da malandragem. Passamos a cultivar componentes negros e indígenas, desprezando o europeu. Gilberto Freyre disse que o Brasil era mestiço e que isso era bom. Depois veio o Darcy Ribeiro, com suas maluquices e proclamou que o mestiço é que é bom. Criou um racismo ao contrário. O Brasil ainda não conseguiu evacuar o problema da raça. O debate piorou e não se vê a preocupação de melhorá-lo.

Documentação

OCIOGRÁFICA

Fonte _____ fsp

Data 16/4/2000 Pg 1-18

Class. 124